

AS CICATRIZES DO AMOR: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE MOÇAMBICANA EM PAULINA CHIZIANE

Laysa Cavalcante Costa
Joana Camila Lima Guedes

Resumo: Esse trabalho visa refletir sobre a perspectiva oferecida por Paulina Chiziane acerca do papel que a mulher ocupa ou pode vir a ocupar na sociedade moçambicana. Empreende-se, para tanto, uma análise do conto “As cicatrizes do amor” no qual a autora valoriza a figura feminina através da exteriorização dos seus sentimentos. Importa descrever o conflito vivido pela protagonista, que encontra-se dividida entre a tradição x modernidade, embora não quebre o vínculo com a tradição, procura outro significado para sua vida

Palavras-Chave: Mulher; sociedade moçambicana; tradição; modernidade.

Introdução

O enfoque deste trabalho firma-se nas abordagens voltadas para as tradições moçambicanas. Discutiremos sobre os diferentes valores sociais e o universo feminino observado no conto “As cicatrizes do amor” de Paulina Chiziane. As personagens femininas de Chiziane se contrastam com uma grande parcela das mulheres moçambicanas, que levam uma vida rotineira e apagada, não negando suas tradições bem arraigadas. Diante desse contexto a mulher é sujeita ao regime patriarcal, no qual assume uma posição delimitada impregnada de inferioridade e submissão. A autora demonstra uma intensa preocupação com o feminino por isso faz de sua narrativa uma representação das dores, dos desejos, das angústias e, sobretudo das crenças e esperanças dessas mulheres. A mulher apesar ter um papel essencial na preservação da família, ainda tem fraco reconhecimento, especialmente em áreas mais remotas e isoladas. Uma das consequências é que nesses lugares, a preferência de estudar ainda é do menino e as meninas têm menos oportunidades, Porém ela passa a ser muito importante na sociedade: é quem cuida da casa, das crianças e quem garante o alimento, e não é necessariamente reconhecida por isso.

Fundamentação Teórica

A hierarquia é a base da sociedade moçambicana e isso inclui qualquer relação de poder: autoridade, conhecimento, dinheiro. Até a linguagem é de um dominante para um dominado. SECCO (1999) afirma que a colonização portuguesa em Moçambique tentou apagar as marcas culturais encontradas nestas terras situadas na costa oriental africana, valendo-se de uma política de assimilação que anulava as diferenças dos povos dominados, levando-os a se portarem como ‘verdadeiros portugueses’.

Por isso quando passou essa época colonial e o “calor” dos movimentos feministas da primeira metade do séc. XX, a importância da mulher dentro da sociedade moçambicana começou a ser compreendida e se observou o seu papel social na economia, na política e na religiosidade. Mas mesmo assim os ecos desse passado são retidos, quando nos deparamos com uma situação paradoxal em que por um lado a mulher é detentora de uma relativa independência econômica, podendo ascender a um determinado status social e político e por outro, estar submetida aos seus parentes masculinos e a determinados ritos de passagem para ser completamente aceita na sociedade. A questão de gêneros estar completamente entrelaçada em todos os aspectos

da vida das comunidades africanas, compreendendo estruturas que sustentam as suas culturas. Questões como a honra e o prestígio parecem estar nas mãos das mulheres, daí ser necessário um controle sobre elas, seja através da autoridade masculina ou das balizas culturais hegemônicas. Aparece assim uma nova visão da mulher africana, em particular nas questões econômicas, podendo-se observar mesmo nos lugares onde as mulheres mantêm rendimentos separados dos maridos ou demais familiares com uma relativa independência, quando não totalmente independentes.

As esferas masculinas e femininas mantêm-se separadas e em muitas sociedades o estatuto social ou político é obtido independente dos homens. Não se observa uma igualdade “democrática” entre gêneros estando cada um consciente do seu papel na sociedade. Aparentemente a questão da equidade é algo que o relativismo cultural ocidental procura em algumas sociedades africanas. Para muitos o matriarcado puro nunca existiu, apenas uma questão de status social, provavelmente numa altura em que as sociedades dependiam quase exclusivamente da agricultura praticada pelas mulheres em que detinham um prestígio muito maior do que aquele que se observa atualmente.

Depois do colonialismo os processos de interação dos dois sexos não se apresentam estáticos e estão sempre a modificar-se, entretanto trouxe perda de status com repercussões que ainda se refletem nos dias de hoje. O seu poder econômico, foi devastado e a reação ao problema também não foi pacífico. As mulheres reagiram de várias formas numa tentativa de restaurá-lo. Assim, ilustra-se como uma introdução de elementos estranhos uma cultura que pode alterar por vezes de modo permanente, descaracterizando-a. Essas alterações repercutem-se a todos os níveis da sociedade, não só a nível econômico, mas nos rituais de iniciação, em que os valores culturais são reafirmados e assumem um papel de integração contribuindo para a coesão social, as dinâmicas sociais acrescentam ou subtraem valores sendo observados nas relações entre os mais velhos e os mais jovens.

Durante a época colonial muitos rituais foram suprimidos pelas políticas coloniais e pela igreja católica numa tentativa de aniquilar as culturas das comunidades consideradas “atrasadas”. O afastamento das missões acabou por ser uma forma de preservarem os seus costumes, honrarem os antepassados e elevarem a mulher socialmente sem constrangimentos para a sua família. Através da resistência ao cristianismo e insistência nos seus costumes tornaram os rituais num fenómeno cultural sólido não ignorando sua continuidade

Os valores vão sendo atribuídos aos gêneros que acabam mais cedo ou mais tarde revestindo um caráter secular. Igualmente os valores simbólicos e a religiosidade que permitem a cada indivíduo captar a sua “porção” de cultura de forma a defender-se da anomia que ameaça a coesão social. Cabe desconstruir e compreender os anseios de cada cultura no sentido de preservá-la, não no sentido de obrigar a cristalizar no tempo, mas no sentido de compreender as suas dinâmicas sociais e a forma como respondem a elas.

A concepção de uma identidade feminina limitada contribuiu para dificultar seu posicionamento dentro da sociedade moçambicana, entretanto serviu para consolidar os ideais de liberdade defendidos por autoras como Paulina Chiziane, que numa visão contemporânea emprega nos seus contos e romances a figura feminina arraigada a pátria e aos costumes de uma terra onde se predomina o patriarcalismo. PADILHA(1999) retoma essa questão expondo a participação da mulher na literatura com suas produções desde a época da colonização “Quando à produção de mulheres (...) o acesso ao texto verbal lhes era duras vezes barrado : por serem mulheres e africanas (...). Mesmo depois da independência, quando as nações se constituíram como comunidades políticas imaginárias (...), o acesso das mulheres á condição de produtoras não foi facilitado.”

A escolha de personagens femininas nas obras de Chiziane não é arbitrária, se privilegia a mulher valorizando-a e dando ênfase a exteriorização de seus sentimentos. No Conto *As cicatrizes do amor*, procura-se analisar a personagem Maria, visando o conflito vivido por ela, tento em vista a tentativa de se manter dentro dos costumes e a ânsia por uma vida de oportunidades. O empenho de Maria faz com que após ter passado por duras provações consiga finalmente reencontrar o seu grande amor e ser feliz como desejava, tais provações foram consideravelmente importantes na construção de sua identidade, seus valores ficaram abafados diante da gama de sofrimento na qual teve que passar e os costumes do seu povo foram preservados quando chegou a hora de puni-la. A personagem mesmo contando com um fracasso eminente, não desiste em momento algum da felicidade.

Simone de Beauvoir argumenta “que a história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro.” (BEAUVOIR, 1980, p. 179).

Observando o ponto de vista da escritora a personagem se mostra como o “outro” revelando ser uma contadora de história, Maria evoca sua memória, fazendo o leitor ouvir seus relatos trazidos “das profundezas do tempo” (CHIZIANE, 2000, p. 363), iniciando uma fala que encena o próprio drama, “Maria entristece. Ergue os olhos para o céu na súplica do silêncio. A mente recua na trajetória distante, mais veloz que a estrela cadente. Baixa os olhos para a terra fértil salpicada de ervas tisanadas” (Ibidem, p.362), fazendo de seus gestos uma prática ritualística, conforme afirma Laura Padilha.

Grávida, depois de ter tido uma noite de amor com “o homem dos seus sonhos”, Maria é expulsa de casa no “ritual dos galos”, por seu pai, logo que a criança nasce. Abandonada pela família, desprezada por todos os homens, ela escreve com muita garra as linhas de seu próprio destino – “Amarrei a capulana bem firme, com o bebê bem seguro nas costas, jurei: os empecilhos que obstam a minha estrada serão removidos pela minha mão” (CHIZIANE, 2000, p. 363).

A habilidade que Chiziane confere à contadora, marca em suas obras uma mistura da oralidade com a escrita, tal aspecto é responsável por conduzir seus ouvintes/leitores a um espaço de encantamento, induzindo-os a embarcar na viagem do narrado a ponto de “recriar felicidades”. Embora a autora afirme que suas personagens não rompem com a tradição ao buscarem seus próprios caminhos, seus comportamentos indicam a necessidade de repensar conceitos referentes à cultura moçambicana. Trazendo à tona a cultura de seu povo, Paulina expõe um universo no qual habita os costumes da sociedade africana e paralelamente, a modernidade. Retrata paradoxos, a partir de uma abordagem a respeito da questão da tradição como um meio de se lidar com o tempo e com o espaço; inserindo qualquer atividade ou experiência na continuidade do passado, do presente e do futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. As estórias e as memórias formam uma possibilidade de construir a identidade de um povo. Nesse sentido, a cultura tradicional faz-se e refaz-se, é um sinônimo de atividade e não de passividade. Os símbolos e as representações fazem parte de uma realidade para a construção das identidades. Esse processo está em constante transformação e é formado por diversos fatores intrínsecos e extrínsecos.

Nenhum de nós pode construir o mundo das significações e sentidos, a partir do nada: cada um ingressa num mundo “pré-fabricado”, em que certas coisas são importantes e outras não o são; em que as conveniências estabelecidas trazem certas coisas para a luz e deixam outras na sombra. Acima de tudo, ingressamos

num mundo em que uma terrível quantidade de aspectos são óbvios a ponto de já não serem conscientemente notados e não precisarem de nenhum esforço ativo, nem mesmo o de decifrá-los, para estarem invisivelmente, mas tangivelmente, presentes em tudo o que fazemos – dotando desse modo os nossos atos, e as coisas sobre as quais agimos, de uma solidez de “realidade”. (BAUMAN, 1998, p. 17)

É assim que o universo de Paulina Chiziane se apresenta repleto de significações que de forma clara e explícita expõe as diversas identidades dentro de processos transitórios, fluidos e fugazes. As possibilidades de construção de identidades são múltiplas, os antigos costumes são expostos paralelamente às novas perspectivas. É a partir dessa realidade que a narrativa acontece.

Conclusão

Na perspectiva de mostrar a posição ocupada pela mulher moçambicana e as imposições de uma sociedade vítima do colonialismo, este trabalho se propôs a reflexão acerca do gênero, da raça, da cidadania e da identidade, analisando as práticas sociais e culturais do povo moçambicano, abrangido pelo vasto aspecto ficcional de Paulina Chiziane. Vê-se que a leitura do feminino em Moçambique, a partir das obras da escritora requer, além do estudo das idéias feministas pós-coloniais que privilegiam uma pesquisa acerca das práticas sociais e culturais das diversas etnias que habitam o território moçambicano, abrangido pelo vasto espectro ficcional da obra. A narrativa da autora não está apenas voltada para a problemática feminina, mas também para um repensar dos valores e dos costumes de uma sociedade, sendo clara quando se propõe um repensar dos conceitos referentes à cultura moçambicana, uma tentativa de mostrar uma mulher capaz de escrever seu próprio destino livre das imposições masculinas e culturais. Refletir sobre os traumas da colonização, da escravidão e das guerras, em projetos de reconstrução nacional e da vida comunitária é pensar nos espaços cidade e aldeia, passado e presente. Espaços e tempos que se polarizam e se interpenetram, principalmente a partir de uma instituição africana muito forte que é a família.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. *A escritura da historia ou a propósito da fundamentação da nação*. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Historias da Literatura: teoria, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 35-60.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difel, 1980.
- CHIZIANE, Paulina. *As cicatrizes do amor*. In: SAÚTE, Nelson. *As mãos dos pretos: antologia do conto moçambicano*. Lisboa: d. Quixote, 2000.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*, Niterói: EdUFF, 1995.
- _____. *Silêncios Rompidos: A produção textual das mulheres Africanas*. In: PORTO, Maria Bernadette; REIS, Lívia de Freitas e VIANNA, Lúcia Helena (Orgs.). *Mulher e Literatura – VII Seminário Nacional*. Niterói: EdUFF, 1997.
- PINTO, Alberto Oliveira. *“O colonialismo e a „coisificação” da mulher no cancionário de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa”*. In: MATTA, Inocência; SECCO, Carmem Lúcia *“Mãos femininas e gestos de poesia”*.

Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

In: MATTA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Editor Colibri, 2007, p. 391-403.